

# **SABERES TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO QUILOMBO MONTE RECÔNCAVO-BA<sup>1</sup>**

**Karine Santos da Cruz Alves<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Este artigo discute a importância dos saberes tradicionais no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade quilombola do Monte Recôncavo, localizada no Recôncavo Baiano. Inicialmente, apresenta-se uma reflexão sobre o conceito de saberes tradicionais e sua relevância para a valorização e preservação da identidade cultural. Em seguida, analisa-se a realidade educacional da EJA nessa comunidade, destacando as práticas pedagógicas desenvolvidas, os desafios enfrentados pelos docentes e as estratégias de valorização da cultura local. A discussão é fundamentada em entrevistas com educadores que atuam na EJA, cujos relatos revelam a importância da escuta sensível, da contextualização das vivências e da integração entre escola e comunidade. Também é realizada uma breve análise histórica e social da formação do quilombo Monte Recôncavo, apontando como sua trajetória influencia o processo educativo atual. Conclui-se que os saberes tradicionais representam uma ferramenta essencial para uma educação significativa, emancipadora e culturalmente contextualizada.

**Palavras-chave:** saberes tradicionais; Educação de Jovens e Adultos; quilombolas - educação - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA); identidade cultural.

## **ABSTRACT**

This article discusses the importance of traditional knowledge in the context of Youth and Adult Education (EJA) in the quilombola community of Monte Recôncavo, located in the Recôncavo Baiano region. Initially, it presents a reflection on the concept of traditional knowledge and its relevance to the appreciation and preservation of cultural identity. Next, it analyzes the educational reality of EJA in this community, highlighting the pedagogical practices developed, the challenges faced by teachers, and the strategies for valuing local culture. The discussion is based on interviews with educators working in EJA, whose accounts reveal the importance of sensitive listening, contextualization of experiences, and integration between school and community. A brief historical and social analysis of the formation of the Monte Recôncavo quilombo is also carried out, pointing out how its trajectory influences the current educational process. It concludes that traditional knowledge represents an essential tool for a meaningful, emancipatory, and culturally contextualized education.

**Keywords:** traditional knowledge; Youth and Adult Education; quilombola communities - education - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA); cultural identity.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

<sup>2</sup> Graduanda na Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da experiência vivenciada até o momento, como as histórias e a cultura local, incluindo os relatos dos anciãos, as narrativas preservadas no cotidiano dos descendentes quilombolas e os lugares de memória que representam e mantêm vivas as experiências históricas da comunidade. Obteve interesse em pesquisar o tema, penso que a pesquisa poderá contribuir para alguns caracteres, como; evolução acadêmica, visando outras pesquisas futuras, profissional e para o retorno a comunidade a qual estou inserida contribuindo positivamente.

Sendo assim este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, que mobiliza a vivência e pertencimento territorial como fundamento epistemológico da pesquisa, assumindo um posicionamento situado que valoriza os saberes tradicionais da comunidade como elementos centrais na construção do conhecimento. A escolha do tema: “Saberes Tradicionais e Educação de Jovens e Adultos (EJA): Experiências Docentes no Quilombo Monte Recôncavo-BA”, se deu a partir de inquietações pessoais, observações no cotidiano escolar e diálogos com professores atuantes na comunidade.

O artigo caracteriza o corpo docente, analisando sua estrutura e o papel dos saberes tradicionais e culturais na comunidade Montence é discutido a partir de sua influência na formação dos indivíduos e na relação com o ensino formal. Este estudo tem como objetivo analisar o ensino da EJA na comunidade quilombola de Monte Recôncavo, considerando a influência dos saberes tradicionais na prática docente e os desafios enfrentados pelos educadores. Para isso, foram coletados e analisados dados referentes ao a 2025, e para aprofundar a compreensão desse contexto, foi realizado diálogo com dois professores com tempo de formação e de experiência profissional da única escola que oferece essa modalidade de ensino.

O roteiro de entrevistas foi estruturado em quatro eixos principais: práticas docentes e aspectos culturais; ensino da EJA na comunidade de Monte Recôncavo e seus desafios; caracterização dos docentes; e integração dos saberes da comunidade na EJA. A análise das respostas obtidas busca evidenciar como os professores percebem a relação entre o ensino formal e a cultura local, bem como os desafios e estratégias adotadas para fortalecer essa integração. Dessa forma, este artigo pretende contribuir para o debate acadêmico sobre a valorização dos saberes

tradicionais na educação quilombola, destacando a importância de metodologias pedagógicas que promovam um ensino significativo e culturalmente contextualizado.

## **2 DEFINIÇÃO DE SABERES TRADICIONAIS**

Ao longo dos anos, os saberes tradicionais tornaram-se imprescindíveis no cotidiano das comunidades quilombolas. Essas comunidades são guardiãs de saberes ancestrais, sendo fundamentais para a preservação das práticas culturais e de diversos conhecimentos que são transmitidos de geração em geração. Os conhecimentos passados por gerações constituem para bem mais precioso que os quilombolas podem possuir, representando um patrimônio vivo de grande valor, por englobar saberes e habilidades, como práticas, crenças, manifestações culturais e a relação que se estabelece com o meio ambiente. Autor P. Justino Sarmento Rezende (2015, p. 4), traz em sua fala que “saberes também são os segredos que os sábios transmitem somente para seus filhos e netos. Os saberes constituem também diversas formas de colocar em comum os seus conhecimentos a serviço do seu povo”.

Concordo com o que o autor diz e afirmo que os saberes tradicionais são compreendidos como conhecimentos transmitidos pelos anciões ou pelos membros mais experientes das comunidades. Esses saberes são repassados de geração em geração, mantendo-se vivos entre os descendentes. A transmissão ocorre, principalmente, por meio da oralidade e da prática coletiva, promovendo conexões profundas com a natureza e reafirmando a identidade cultural de cada comunidade. Ciências e Saberes tradicionais 1 do autor Rezende (2015, p. 2), afirma que “os nossos avós e pais nos ensinavam falando-mostrando-fazendo e aprendemos ouvindo - vendo - fazendo”.

Essas pessoas são um tesouro humano vivo que trouxe consigo práticas de resistência cultural e identidade, refletindo uma conexão com o território e a ancestralidade. Discutir os saberes tradicionais é uma oportunidade para refletirmos, de forma crítica e consciente, sobre as ações que permeiam nosso cotidiano. Essa abordagem nos permite identificar as diversas formas de ser e de existir no mundo, mesmo diante das dificuldades socioeconômicas que podem impactar as culturas de maneira positiva ou negativa.

Observa-se, contudo, que a cultura, em muitos casos, passou a ser tratada como mercadoria, impactando negativamente a identidade quilombola e também as religiões de matriz ancestral, que antes eram fonte de pertencimento e riqueza cultural. O autor P. Justino Sarmento Rezende (2015), afirma que preservar a cultura quilombola nos tempos atuais tornou-se um grande desafio. E um dos principais fatores que contribuem para essa dificuldade é o desaparecimento dos mais velhos, guardiões de saberes tradicionalmente transmitidos, em grande parte, por meio da oralidade.

Com o falecimento dessas pessoas, muitas experiências de vida deixam de ser registradas dificultando assim a preservação da memória coletiva. Ressalto que valorizar os conhecimentos e práticas tradicionais torna-se essencial para fortalecer o vínculo entre gerações, sendo importante o esforço individual e coletivo na continuidade da luta por esse patrimônio vivo. Ele é fundamental para o fortalecimento da história, da identidade, da ancestralidade e das comunidades quilombolas. Os saberes tradicionais, além de representarem uma forma de resistência cultural, constituem uma afirmação da identidade.

A ancestralidade e os saberes tradicionais possuem grande relevância para as comunidades quilombolas, especialmente no contexto da contemporaneidade, marcada por significativos avanços tecnológicos. Esses avanços têm impactado diretamente as dinâmicas de vida de algumas comunidades quilombolas, alterando práticas culturais e modo de transmissão do conhecimento ancestral. Tal contexto pode explicar, em parte, o abandono ou a diminuição da prática de elementos culturais que antes eram amplamente preservados. Embora os avanços tecnológicos possam trazer benefícios, também apresentam desafios e possíveis prejuízos à manutenção das tradições culturais, destacando a necessidade de refletir criticamente sobre essa questão.

### **3 HISTÓRIA E REALIDADE DA COMUNIDADE MONTE RECÔNCAVO**

O Monte Recôncavo, anteriormente conhecido como Freguesia do Monte, está situado a 10,6 km do município de São Francisco do Conde. Até o século XIX, a localidade era chamada São Francisco da Barra de Sergipe do Conde. O território

estava sob domínio português e, em 1698, foi fundada a Igreja de Nossa Senhora do Monte.

A Igreja de Nossa Senhora do Monte foi construída por ordem do Conde de Linhares. Era responsável por organizar e marcar exposições sociais, além de estabelecer normas canônicas que regiam a vida dos catequizadores em diversos aspectos. Além de impor sua crença como se fosse única, a Igreja também reunia a população para atividades religiosas, como festas e missas, que envolviam tanto a elite quanto as pessoas escravizadas.

Localizada em um ponto estratégico, a 182 metros acima do nível do mar, a igreja oferece uma vista privilegiada da Baía de Todos-os-Santos. Um fato que ainda vem acontecendo e que autora Fabiana Pedreira (2019, p. 30-31), durante a sua pesquisa de campo, traz uma fala importante para este artigo de uma moradora da comunidade Monte Recôncavo, o relato a seguir é um pouco extenso, fala um pouco sobre lençóis freáticos existente na comunidade:

[...] fato principal muito importante da história da nossa comunidade, é falar que o município do Monte Recôncavo está localizado em cima de um lençol freático de água, um lençol de água adormecido, onde os geólogos da Petrobras, no ano de 1992, tiveram aqui no Monte em busca de petróleo, nascente de petróleo. E eles fizeram um trabalho aqui no Monte, onde eles colocaram algumas dinamites atrás da igreja católica; colocou no campo, que hoje, é a comunidade do Monte de Baixo, ali era o campo de bola, onde as pessoas brincavam, jogavam. E eles colocaram essas dinamites, vieram com aquele radar, detector, pra achar aonde tinha nascente de petróleo. E aí eles descobriram que o Monte está localizado em cima de um lençol d'água adormecido. E, com os estudos, eles descobriram também que o Monte, a altura, que foi a altura que foi medido, não está mais com a altura de mais de 100 anos atrás... essa água vai fragmentando aos poucos, sedimentando as rochas, e o Monte, daqui a 300 anos, vai estar nivelado com o município de Paramirim. Daqui a 300 anos, porque o lençol freático d'água, ele vai acordando, vai adormecendo, vai quebrando, roendo as rochas, e o Monte vai baixando, baixando, baixando. [...] a gente não tá percebendo, o nosso morro tá baixando, porque estamos em cima de um lençol d'água, que, há 300 anos, ele vai desembainhando, ele jorra. É tanto que aqui nós temos fontes, nós temos muitas fontes. Ao redor do morro do Monte, sempre tem fontes aí. Se a gente cavar cisternas, vai brotar água, porque aqui, nós estamos em cima, localizados, de um lençol freático de água, que desembenha pra maré. Essa perna de rio... É por isso que nós temos a bica atrás da igreja, que era a bica ali, no sítio do finado Tio Roxinho; nós temos aqui os Milagres, que toda essa água brota debaixo da igreja; e dentro da igreja, nós temos um salão, onde tem uma estrela que foi desenhada pelos construtores, que você coloca o ouvido e você consegue ouvir a água, o barulho da água jorrando debaixo da igreja, debaixo da igreja brota. É tanto que nossa igreja, ela é bem fria. Você entra, você sente que ela é fria, ela é úmida por conta disso. (Erica Gonçalves).

A experiência contada por esta moradora Montence, mostra de fato que a mesma careca um saber ancestral, tornando assim consciência da própria história, do mundo. Com o passar dos anos a Igreja Católica, enfrentou eventos sísmicos ocorridos entre 1911 e 1919, que causaram rachaduras na entrada, culminando no desabamento do telhado em 1970. Apesar de ter sido restaurada pela prefeitura em 1975, sua localização, exposta diretamente à ação do mar, contribuiu para o desgaste contínuo de sua estrutura.

Esse processo comprometeu a segurança da igreja, afetando também as casas construídas ao seu redor. Mesmo não tendo acesso a igreja, os fieis não deixaram de praticar sua religião, em conformados, iniciaram uma campanha para a reforma, recorreram diversos órgãos públicos. Após a campanha conseguiram realizar essa reforma, em 211, e em 217 foi tombada como patrimônio do recôncavo baiano.

Ao passar dos anos e da escravidão, Monte Recôncavo passou a se chamar de Quilombo Monte Recôncavo, residindo assim os quilombolas. No ano de 2007 foi reconhecida pela Fundação Palmares como quilombo, esse título confere a História cultural existente nesta localidade a qual tem sua população predominantemente negra. A autora Pedreira (2019, p. 39), traz um fato imprescindível que aconteceu na comunidade Montence:

A certificação da comunidade quilombola foi concedida em 2007, através da Fundação Palmares. O processo de auto-identificação começou em 2005, com uma pesquisa realizada pela Companhia Cultural Mont'Arte. A pesquisa visava construir cronológica e historicamente, o processo que justificasse a identificação daquela população como quilombolas, sendo assim, a pesquisa coletou a fala dos moradores mais antigos, recuperando suas memórias.

O Quilombo Monte Recôncavo constitui-se como um espaço de vivências culturais e históricas, nas quais a memória coletiva é preservada e transmitida pelos anciões, permanecendo viva no cotidiano da comunidade. Entre as expressões culturais mais significativas, destacam-se as produções artísticas realizadas por artistas quilombolas, por meio de poemas, pinturas e artesanatos, que estão intimamente ligados aos chamados lugares de memória, onde se materializam as narrativas históricas do grupo.

Tais espaços incluem a Caeira; a casa de farinha, atualmente em ruínas e sem utilização; e a igreja católica, local onde ocorrem importantes celebrações religiosas. Dentre essas manifestações, ressaltam-se a esmola cantada, promovida

por integrantes da comunidade; a procissão de Nossa Senhora do Monte, realizada no dia 2 de fevereiro; e o Chalé, manifestação cultural na qual um grupo de pessoas, trajadas de branco, percorre as ruas logo após a procissão, batendo de porta em porta, cantando samba e arrecadando moedas. Essas práticas reforçam os vínculos comunitários, a valorização dos saberes tradicionais e a resistência cultural quilombola.

Trata-se de uma prática que, com o passar do tempo, foi sendo “esquecida”, tanto pelo desinteresse das novas gerações quanto por posicionamentos contrários por parte da liderança da Igreja Católica. Um exemplo disso é o “Pé do Loko”, uma celebração religiosa de matriz africana que ocorria sob uma gameleira branca (pé de iroko). O evento reunia adeptos do candomblé, mas também atraía pessoas não praticantes, que participavam como espectadores, valorizando a expressão cultural e religiosa do ritual.

Outra representação histórica significativa é a Bica do Tororó. Tratava-se de um antigo chafariz que servia como fonte de abastecimento de água para a comunidade, em um período em que ainda não existia rede de água encanada. O local era utilizado principalmente pelas mulheres, que se reuniam para lavar roupas, saíam de madrugada e retornavam apenas ao final da tarde. Esse espaço, além de cumprir uma função essencial, constituía-se como um lugar de convivência, trocas e fortalecimento dos laços comunitários, sendo as tarefas acompanhadas por longas conversas. Na década de 1990, foi construído um novo chafariz, com estrutura mais padronizada e equipada com pias destinadas à lavagem de roupas.

Mesmo com essa modernização, a comunidade ainda não contava com abastecimento de água encanada, e o novo chafariz continuava sendo alimentado pela fonte da Bica do Tororó. Assim, o espaço manteve sua importância simbólica e funcional no cotidiano local, reafirmando como um lugar de memória e resistência coletiva. Viver na comunidade não erra fácil, as pessoas moravam na Caeira, um lugar próximo ao manguezal onde tiravam seu sustento da natureza. Ao longo do tempo começaram aos poucos as pessoas mudar de lugar e os últimos que ficaram também mudaram, alguns para uma rua da Brasília, próximo ao Tororó e o chafariz.

Ao longo do tempo o quilombo que os mais velhos conheciam tudo mudou, restando assim as memórias que são passadas para os mais novos que interessam em conhecer. Outra citação do autor Rubens dos Santos Celestino (2023, p. 4), expressar sua ideia sobre a memória:

Limitar a memória somente ao passado é desconsiderar a continuidade e descontinuidade dos contextos em que estamos inseridos/as [...] Essa atualização do passado em diálogo com o presente favorece significativamente o resgate e a preservação de narrativas, saberes e fazeres que [...].

Essa citação de Rubens Celestino destaca uma compreensão ampliada e dinâmica da memória, indo além da concepção linear e estática que a associa unicamente ao passado. Essa memória não é estagnada; ela está sempre em transformação, de acordo com as vivências de cada indivíduo. Essa reflexão é particularmente relevante em contextos educativos que valorizam os saberes tradicionais, como a Educação de Jovens, Adultos (EJA), pois permite repensar práticas pedagógicas que articulem o passado e o presente como partes de um mesmo tecido de significados, experiências e lutas.

#### **4 SABERES TRADICIONAIS E CULTURAIS NA COMUNIDADE MONTENCE**

A compreensão do quilombo como espaço educativo é fundamental para pensar práticas pedagógicas contextualizadas nos territórios quilombolas. Benedicto (2017), afirma que os quilombos são espaços vivos de produção de saberes, nos quais a educação não se restringe à sala de aula, mas se manifesta nas experiências cotidianas, nas práticas culturais e nas memórias compartilhadas. Essa perspectiva valoriza a ancestralidade como fonte de conhecimento e reconhece os saberes tradicionais como elementos constitutivos do processo educativo. No contexto da Educação de Jovens, Adultos (EJA), essa abordagem é ainda mais potente, pois permite que o currículo dialogue com a realidade dos sujeitos quilombolas, fortalecendo sua identidade, pertencimento e protagonismo. Assim, a proposta pedagógica se alinha a uma educação emancipadora, afrocentrada e territorializada, que reconhece o quilombo como um projeto político e pedagógico de resistência.

O Quilombo Monte Recôncavo configura-se como um acervo vivo de experiências culturais, tradicionais e ancestrais. A comunidade mantém práticas herdadas dos antepassados, como o uso de plantas medicinais para o cuidado com a saúde e o bem-estar, além do artesanato, culinária, música, dança, lendas e contos populares. Outros aspectos, como as práticas religiosas e espirituais, modo de cultivo

e agricultura, também são elementos centrais na construção da identidade quilombola. Ana Paula do Nascimento (2024, p. 36) ressalta que:

Desse modo, os quilombos não constituem espaços de negros fugidos, como reza a história oficial; também não se restringem a um passado distante. Constituem potencialidades que a modernidade tenta apagar. Reúnem saberes construídos nas teias de processos próprios que os constituem enquanto sujeitos de direitos, com identidades diversas, culturas, corpos, vozes, cantos, fé.

A trajetória da comunidade revela um histórico de luta e adaptação ao longo do tempo. Antes do reconhecimento oficial do Monte Recôncavo como quilombo e da certificação quilombola, a população local enfrentava desafios significativos para a sobrevivência, com escassos recursos e acesso limitado a políticas públicas. A oralidade desempenha um papel essencial na transmissão desses saberes, sendo os mais velhos os responsáveis por repassar conhecimentos sobre o modo de vida tradicional.

Exemplos disso podem ser encontrados nos relatos dos moradores mais antigos, como Dona Maria, que descreve as dificuldades vividas em tempos passados. Diante a convivência com anciã no dia a dia, relata que antigamente as moradias eram construídas com materiais disponíveis na natureza, como paus e barro, e os telhados eram de palha. Além disso, as mulheres desempenhavam um papel central na obtenção de água para consumo e nas atividades domésticas, enquanto as crianças aprendiam, desde cedo, a importância do trabalho comunitário e do compartilhamento de recursos.

Ao longo do tempo, a infraestrutura da comunidade passou por mudanças, incluindo a construção de moradias feias pela prefeitura local e iniciativas locais de melhoria das condições de vida. Contudo, muitos costumes tradicionais foram preservados, como o uso de ervas medicinais, a prática da pesca e o cultivo de alimentos. A transmissão dos saberes tradicionais no Monte Recôncavo está intrinsecamente ligada à resistência cultural e à manutenção da identidade quilombola.

Figuras como parteiras, curandeiros, pescadores, rezadeiras, sambadeiras, artesãos e mestres de capoeira continuam a desempenhar um papel central na comunidade. Essas pessoas não apenas garantem a perpetuação dos conhecimentos ancestrais, mas também contribuem para a valorização da cultura quilombola em um

contexto de modernização e transformações sociais. O livro *A gente já nasceu quilombola e não sabia: Histórias do Monte Recôncavo*, de Carlos Maroto Guerola e Maricélia Conceição dos Santos (2022, p. 3), registra diversas narrativas orais dos anciões da comunidade, reafirmando a importância da memória coletiva e da oralidade na preservação da história local. Como destacado em uma das passagens da obra:

Durante minha infância, sempre ouvia que o Monte Recôncavo existia história mal-assombrada. Eram meus pais, tios e vizinhos todos falando sempre as mesmas coisas: que não se podia ficar ou brincar na rua até muito tarde, porque sempre iria aparecer algo mal-assombrado como o bolo de carne, o cavaleiro, o lobisomem ou a mulher da trouxa.

Essa é uma das inúmeras narrativas presentes na comunidade, assim como tantas outras que compõem esse repertório cultural. Para aprofundarmos nossa compreensão sobre os saberes ancestrais, selecionamos mais uma história deste livro, a qual evidencia a oralidade como meio de transmissão de conhecimentos. Nesse contexto, destacamos um relato no qual um dos anciões assume o papel de guardião e disseminador dos saberes para as gerações futuras: “a luz daqui era lampião. Era aqueles lampião. Era um aqui, outro lá adiante. Quando era seis horas da noite, Saia um homem com a escada nas costas botando naqueles postes gás pra clarear” (Santos, 2022, p. 80).

Ressalto que o livro "A gente já nasceu quilombola e não sabia: Histórias do Monte Recôncavo", de Carlos Maroto Guerola e Maricélia Conceição dos Santos (2022), cumpre um papel fundamental ao registrar e tornar visíveis as histórias, os saberes e o modo de vida da comunidade. Que por muito tempo foram marginalizados ou silenciados e ao dar voz aos moradores e suas trajetórias, o livro contribui muito para o fortalecimento da luta por direitos territorial, educacional e cultural, promovendo assim o reconhecimento oficial e social do Monte Recôncavo como território quilombola.

Dessa forma, percebe-se que a comunidade Montence é um espaço de resistência e preservação dos saberes ancestrais, onde a oralidade desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimentos e na manutenção da identidade cultural. As histórias contadas pelos anciões, as práticas tradicionais e o modo de vida que perduram até os dias atuais evidenciam a riqueza de um patrimônio imaterial que precisa ser valorizado e reconhecido.

## 5 CARACTERIZAÇÃO DOS DOCENTES

Para o diálogo, foram selecionados com dois professores e o objetivo, foi de compartilhar suas experiências profissionais em sala de aula. Os relatos evidenciam práticas docentes que valorizam os saberes locais e os transformam em experiências significativas de aprendizagem, respeitando a vivência e a identidade cultural dos estudantes. Todos os participantes desta pesquisa foram previamente informados sobre os objetivos do estudo, bem como sobre a forma de utilização dos dados coletados. Com base nisso, aceitaram voluntariamente participar e autorizaram, por meio de consentimento livre e esclarecido, a utilização de seus nomes reais e a gravação de voz durante as entrevistas. A pesquisa respeita os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais.

O primeiro diálogo ocorreu no dia 27 de fevereiro de 2025, de forma remota, com o docente Rubens Celestino dos Santos, morador e filho do Quilombo Monte Recôncavo, diretor da associação quilombola e profissional com mais de 20 anos de atuação na área educacional. Durante esse período, atuou em diversos segmentos, incluindo educação infantil nos anos iniciais e direção do ensino fundamental II. Por opção pessoal, não atuou no ensino médio. Possui formação em Pedagogia, Teatro e História, além de especializações em Gestão e Coordenação Escolar, Cultura Afro-Brasileira, Artes e Educação. É mestre em Artes Africanas e atualmente cursa doutorado em Artes Cênicas.

O professor relata que, sempre que considera atuar em outra área ou afastar-se da educação, questiona-se a respeito do campo da educação ao qual poderia migrar, uma vez que não se enxerga fora dessa área. Sua trajetória acadêmica, que abrange graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, está intimamente vinculada ao contexto educacional. Ele também ressalta sua identificação com o público das crianças dos anos iniciais, segmento ao qual tem dedicado sua carreira.

O segundo encontro foi realizado com Thaiana Purificação do Nascimento, também moradora do quilombo. Graduada em Magistério, posteriormente concluiu a licenciatura em Pedagogia após cerca de sete anos. É pós-graduada em Neuropsicopedagogia e possui especializações em Educação Infantil, Gestão e Coordenação Escolar. Sua experiência profissional abrange gestão escolar, secretariado escolar, atuação como gestora e trabalho em escola particular

multisseriada. Lecionou por dois anos e retomará suas atividades na Educação de Jovens e Adultos (2025). Na comunidade, sua prática docente se dá principalmente por meio do reforço escolar, realizado com dedicação e comprometimento.

## 6 O ENSINO DA EJA NA COMUNIDADE MONTE RECÔNCAVO

Educação Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que visa manter o conhecimento, aprendizado e contribui para a formação da cidadania. Ajudando jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar ou por outros motivos que os levou a abandonar a escola. Os que conseguem retornar à escola, buscam se alfabetizar, desejam adquirir novos conhecimentos e ter um diploma.

O indivíduo desenvolve três domínios fundamentais na personalidade da pessoa durante a educação, que são; O domínio cognitivo, psicomotor e afetivo emocional. Segundo Melo, Regina Maria (2006), a Constituição Federal de 1988, ao estabelecer que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família", que o ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria, torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; sendo tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade.

A valorização dos saberes tradicionais no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em comunidades quilombolas está diretamente relacionada às políticas educacionais que reconhecem a diversidade étnico-racial. Nesse sentido, destaca-se a importância da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da Rede de Ensino. Tal legislação representa um marco significativo na promoção da igualdade racial, ao reconhecer e valorizar a contribuição dos povos africanos e afro-brasileiros na construção da sociedade brasileira. Além disso, institui o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, como data comemorativa a ser incluída no calendário escolar, fortalecendo o compromisso com uma educação antirracista e socialmente justa.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade quilombola de Monte Recôncavo se caracteriza por desafios específicos, incluindo a necessidade de

integrar os saberes tradicionais ao ensino formal. Nesse contexto, os docentes desempenham um papel fundamental na valorização da cultura local dentro da sala de aula. Para compreender como essa relação ocorre na prática pedagógica, foi realizada um diálogo com o professor Rubens Celestino, que leciona na comunidade.

Quando questionado sobre a incorporação de elementos da cultura quilombola em suas práticas pedagógicas, o docente ressaltou a importância de considerar o contexto sociocultural da escola e de estabelecer diálogos com os moradores mais antigos da comunidade. Segundo ele:

*É considerar o contexto que a escola está inserida. Dialogar com moradores mais antigos, tendo contato com essas pessoas até porque têm seu repertório de vida, são informações quilombolas que já estão nos próprios estudantes. Além disso, tem a estratégia de considerar recursos pedagógicos e recurso didático que tenham correlação com as comunidades tradicionais, não só com o CUTI, mas também com a comunidade em modo geral, porque há valores no Monte e que também a gente precisa dialogar com as outras comunidades. (Entrevistado, 2025)*

Essa perspectiva evidencia que a transmissão do conhecimento na EJA vai além dos materiais didáticos convencionais, incorporando experiências vividas pelos próprios estudantes e ressalta mais uma vez a memória coletiva da comunidade. A abordagem do professor reforça a necessidade de práticas pedagógicas que estabeleçam conexões entre o ensino formal e os saberes locais, garantindo que os estudantes quilombolas se reconheçam no processo educativo.

Além disso, a menção ao uso de recursos pedagógicos alinhados à realidade quilombola demonstra a importância de materiais didáticos contextualizados, que dialoguem não apenas com a cultura do Monte Recôncavo, mas também com outras comunidades tradicionais. Isso reforça o papel da EJA como um espaço de valorização e fortalecimento da identidade cultural, promovendo um ensino significativo para os alunos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade quilombola de Monte Recôncavo enfrenta desafios estruturais e socioculturais que impactam diretamente a permanência dos estudantes na escola. Dentre esses desafios, destaca-se a evasão escolar, que tem sido um dos principais obstáculos no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com um dos professores entrevistados:

*É a evasão escolar. É um público que começa e depois abandona. Tem o estigma. Percebe-se que muitos estudantes adultos não se matriculam por*

*vergonha, porque, infelizmente, acreditam que não há mais possibilidade de aprender. Então existe um preconceito muito grande que impede muitos estudantes de quererem ir para a escola. A maior dificuldade hoje é a evasão e a falta de interesse desse público em permanecer na escola. (Entrevistado, 2025)*

Além da vergonha e do estigma social em relação à idade dos estudantes, a evasão na EJA também está relacionada a fatores como o trabalho e deslocamentos frequentes, dificultando a continuidade dos estudos. Segundo o professor: “*sim, há diferentes motivações para essa evasão. Mas é recorrente começar com mais de 10 estudantes e encerrar o ano com menos de 10.*” (Entrevistado, 2025)

Essa realidade evidencia a necessidade de políticas públicas mais eficazes para garantir a permanência dos alunos na escola, levando em consideração suas condições de vida e as especificidades do público da EJA. Uma políticas voltadas para a educação quilombola desempenham um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural dos estudantes e na construção de uma escola que dialogue com sua realidade. O professor entrevistado destaca a influência dessas diretrizes:

*As diretrizes tanto da educação das relações étnico-raciais quanto da educação escolar quilombola falam do contexto escolar sem especificar os segmentos. Essas diretrizes buscam valorizar esses estudantes que são negros, pensando na autoestima, no combate ao racismo e na promoção da equidade racial. Essas diretrizes também devem ser a base de uma educação em sala de aula na EJA. (Entrevistado, 2025)*

Pois as diretrizes educacionais enfatizam a importância dos saberes tradicionais no ensino, reconhecendo-os como parte essencial da formação dos estudantes quilombolas:

*Essas diretrizes falam que os saberes tradicionais que esses estudantes levam para a sala de aula foram forjados nessa tradição. Eles falam de práticas curativas, do manguezal, da colheita, do plantio. São saberes que as diretrizes reivindicam e pontuam, que os estudantes trazem no corpo, na vida. Então essa influência é total, porque se trata de uma educação que tenha na comunidade a sua raiz e sua inspiração. (Entrevistado, 2025)*

Para minimizar os impactos da evasão e garantir o engajamento dos estudantes, os docentes adotam estratégias pedagógicas que consideram a realidade dos alunos, suas experiências e aspirações. Um dos professores ressalta a importância da motivação no ensino da EJA:

*São estudantes que chegam de uma rotina diurna, chegam na escola cansados. Se encontrarem atividades reprodutivas, eles não vão querer participar. Então, a motivação é um fator primordial na EJA, e nessa motivação a comunidade é um ponto de partida. (Entrevistado, 2025)*

O docente também destaca que os sonhos e projetos de vida dos estudantes devem ser considerados no processo educativo, pois cada aluno tem motivações particulares para frequentar a escola:

*Toda vez que se trabalha com a Educação de Jovens e Adultos, é preciso levar em conta o projeto de vida desses estudantes, os sonhos. Se vão para a escola, é porque têm vários sonhos: alguns querem aprender a assinar o nome, outros querem buscar uma profissão, outros querem dinamizar a vida, porque estão em casa parados. Então essa motivação é a própria comunidade, é a própria transformação da própria comunidade. Motivar para que a EJA funcione é o papel do professor e acredito que seja o papel de todos os professores. (Entrevistado, 2025)*

Dessa forma, percebe-se que o ensino da EJA na comunidade Monte Recôncavo exige estratégias que considerem a identidade cultural, os desafios estruturais e as aspirações dos estudantes. A valorização dos saberes tradicionais e a implementação de metodologias contextualizadas são fundamentais para garantir uma educação significativa, que respeite e fortaleça a trajetória dos alunos quilombolas.

A questão da formação docente para a educação quilombola é um aspecto central para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que atendam às necessidades e especificidades dessas comunidades. A educação quilombola vai além da simples presença geográfica de uma escola dentro de uma comunidade quilombola, pois envolve a imersão na cultura local e o reconhecimento dos saberes tradicionais como parte essencial do currículo escolar. Quando questionado sobre a lacunas na formação dos professores para trabalhar com a educação quilombola, o Professor diz que:

*Sim, precisa-se saber essa diferença, porque para a escola ser quilombola não basta estar apenas na comunidade quilombola, tem que viver a comunidade quilombola. Você não vive em uma comunidade quilombola se não tem um PPP que fale dessa comunidade, que dê conta dessa realidade. Não se pode pensar em uma comunidade quilombola sem pensar em currículo. Quais são as disciplinas que estão valorizando os saberes locais? Então ser uma escola quilombola é mais do que localização geográfica. (Entrevistado, 2025)*

Essa resposta destaca a importância de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que esteja profundamente conectado com a realidade da comunidade quilombola. Para que uma escola seja verdadeiramente quilombola, ela deve refletir e incorporar os saberes locais no currículo escolar. O mesmo precisa considerar as especificidades culturais, históricas e sociais da comunidade, de modo que as práticas pedagógicas se alinhem com a identidade e as necessidades dos estudantes.

A formação dos professores, portanto, deve ir além da compreensão das questões geográficas e envolver uma verdadeira imersão na cultura quilombola, com o intuito de criar um ambiente educacional que valorize e preserve os saberes e práticas locais. Isso exige que o currículo escolar que seja estruturado de forma a incluir disciplinas que promovam o reconhecimento e a valorização das tradições e saberes da comunidade, garantindo que a educação seja culturalmente relevante e significativa para os alunos.

A integração dos saberes tradicionais da comunidade no currículo da EJA é um aspecto essencial para tornar o processo educativo mais significativo e contextualizado. Um dos entrevistados diz que na abordagem pedagógica utilizada na EJA da comunidade quilombola de Monte Recôncavo, todos os componentes curriculares estão alinhados à realidade local dos estudantes, seguindo uma pedagogia que parte do contexto vivido pelos alunos, mediante a sua prática pedagógica. O professor destaca a importância de levar em consideração os saberes locais e as práticas culturais na construção do currículo:

*Todas as disciplinas do currículo da EJA versam sobre a necessidade de partir da realidade dos estudantes, até porque a pedagogia vem da linha Freiriana. Freire fala da questão do contexto local, e é óbvio que ele não falou da questão étnica, mas o currículo que temos possibilita sim valorizar esses saberes. No trabalho com a EJA, isso é um ponto crucial para qualquer abordagem na sala de aula. (Entrevistado, 2025)*

Essa afirmação reflete a ideia central de Paulo Freire, que enfatiza a importância de uma educação que seja relevante para a vida dos alunos, partindo de suas experiências e contexto social. A pedagogia Freiriana, que prioriza a interação entre a realidade dos alunos e o conteúdo educacional, permite que práticas culturais como as crendices, festividades e saberes locais sejam incorporadas ao processo educativo. O docente acredita que, ao trabalhar com a EJA, a valorização desses saberes é uma ferramenta pedagógica fundamental.

Outro encontro, foi feito com a Thaiana Purificação Do Nascimento (2025), Ao ser questionada sobre como incorpora a cultura quilombola em sala de aula, a docente traz alguns questionamentos como a importância de partir do conhecimento prévio dos alunos, afirmando: "*Primeiramente tem que buscar dos alunos o que eles sabem, compreendem, pela palavra cultura. A partir disso, levantar os aspectos culturais dentro da comunidade*". A mesma mencionou a necessidade de identificar quais manifestações culturais ainda estão presentes na comunidade Monte e refletir sobre as que deixaram de acontecer.

Pra que ocorra essa identificação da manifestação cultural na educação de Jovens e Adultos Idosos é necessário que ocorra uma escuta ativa, passiva de cada aluno no lugar que estão inseridos, segunda a entrevistada fala: "*primeiramente tem que fazer esse levantamento com eles. Escuta e em cima do que ele trazem, complementar com que se vai falar.*" (Entrevistada, 2025).

Escolher temas vinculados à realidade da comunidade, é imprescindível no ensino e aprendizado do aluno, a docente traz exemplos como, o processo de produção da farinha e as manifestações culturais ligadas ao cotidiano, onde a mesma cita que: "*Falamos sobre as casas das farinhas, como era essa plantação de mandioca, a colheita, como era fazer a raspa da farinha, todo procedimento dentro da casa da farinha, as cantorias.*" Ela também amplia o olhar sobre a cultura, questionando visões limitadas a práticas como o samba e a capoeira, ao trazer à tona outras tradições muitas vezes invisibilidades: "*pensar na manifestação cultural é só no samba e capoeira? E as lavadeiras que se tinham, como era esse processo, essa cantoria, conversaria dentro da fonte que acontecia*" (Entrevistada, 2025).

Mediante o diálogo percebe se que as atividades pedagógicas foram ganhando forma com a participação dos alunos. Onde a mesma afirma, "*Foi levado para sala, primeiro a escuta com os alunos, depois levantamos elementos e depois foi criando uma dramatização com as lavadeiras do quilombo*". Mediante a esta fala percebesse que a prática de professores é necessário que se tenha a escutar primeiro dos alunos e depois traz o complemento do plano de aula, mediante que os alunos trazem para sala de aula. Como fala a docente: "*às vezes se vai com a aula pronta, mais o plano de aula nunca é pronto, ele sempre é flexível, os que eles trazem você modifica e no outro dia você traz outra coisa encima do que eles falaram*". (Entrevistada, 2025).

Entretanto torna-se fundamental que os professores escutem os alunos antes de aplicar ou finalizar o plano de aula. A ideia central é que o ensino deve partir da realidade, dos conhecimentos prévios, das experiências e dos interesses dos estudantes. Ou seja, o plano de aula não deve ser algo rígido e fechado, mas sim flexível e capaz de se adaptar ao que os alunos trazem para a sala.

Outra prática que foram citada, foi sobre o fazer azeite de dendê e como a mesma conseguiu ver o brilho nos olhos de um aluno, contando o que erra algo de da rotina dele, mediante a manifestações, da cultura da comunidade. Isso demonstra como o reconhecimento da cultura local pode engajar os estudantes. A mesma traz uma indagação “*do que eles sabem e que o aluno já fez e que se pode aproveitar?*”. (Entrevistada, 2025)

Ao ouvir os estudantes, o(a) professor(a) reconhece que eles são sujeitos do processo educativo, com saberes que também importam. Com base nisso, o educador complementa ou reorganiza seu plano de aula, tornando o conteúdo mais significativo, contextualizado e participativo. Ao refletir sobre as diferenças entre o ensino fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a entrevistada ressaltou a importância da valorização das experiências de vida dos educandos, destacando que:

*A diferença vivenciada da EJA para o ensino fundamental é isso, eles querem saber, eles têm com o que contribuir. Então, quando abria uma roda que ia se conversar, se via o brilho nos olhos dos meninos, falar da maré, da tapa da casa, do caranguejo, de como pescar esse caranguejo, e sabe aquela coisa de trazer a vivência, porque EJA é isso, EJA é vivência. Partir do que eles têm e do que sabem fazer, e vai disseminando sua aula, trazendo palavras, frases, fazendo um texto. Chegamos a montar um texto que eles trouxeram. (Entrevistada, 2025)*

Esse texto destaca a importância de uma abordagem pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que valorize as vivências, os saberes e as experiências dos próprios estudantes como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. A docente também destacou que, para ela, o ensino contextualizado com base na cultura e nos saberes locais é essencial. Segundo ela: “*sempre assim pra mim, dentro da prática docente, trabalhar cultura, história, qualquer coisa que se fale da comunidade, tem que partir dele. O que é que eles sabem, o que podem contribuir para.*” (Entrevistada, 2025)

Mediante estratégia pedagógica, a professora relata a inserção de pessoas da própria comunidade nos projetos escolares:

*Levei muitas pessoas para dentro da escola, como: Mestre Digana, professor Tilho — gosto de chamar professor porque quem ensina gosto de chamar assim. Fomos para dentro da igreja Católica conhecer história. Sempre dizia: não estamos vindo para esse espaço de cunho religioso, estamos vindo com cunho pedagógico e aprendizado, o que temos que explorar. Então você muda o olhar da religião para outro olhar, de análise, pesquisa. (Entrevistada, 2025)*

As pessoas que foram citadas a cima são moradores da comunidade Monte Recôncavo, essa transação da escolar e os saberes da comunidade é importante para ambas as partes, já que os discentes são moradores da comunidade. Além do que foram citados, a mesma enfatizou que os projetos desenvolvidos durante sua atuação na escola sempre dialogavam com temas sensíveis e reais do cotidiano da comunidade:

*Sempre foi assim todo projeto que se foi desenvolvido, as temáticas sempre convidavam pessoas. Temas fortes como câncer de mama, trouxe pessoas da comunidade pra falar sobre, valorizar quem é da comunidade. E outro foi sobre o suicídio. Fiquei dois anos e meio na escola, trabalhei o máximo que pude, baseado nos projetos e contextualizado em sala, não era simplesmente. (Entrevistada, 2025)*

Essa fala evidenciam uma prática pedagógica que reconhece o saber dos alunos da EJA e das lideranças comunitárias, e que transforma o ambiente escolar em espaço de escuta, diálogo e construção coletiva do conhecimento. Ao discutir os desafios do ensino da EJA na Comunidade Monte Recôncavo, a entrevistada destaca que, além do aspecto pedagógico, o afeto e o cuidado são fundamentais no relacionamento com os alunos: “*o cuidar também está para EJA, escuta sensível, abraçar, o carinho, eles precisam. Às vezes achamos que, por serem adultos, não vai funcionar, mas eles vão.*” (Entrevistada, 2025)

No ensino da EJA vai além da transmissão de conteúdos formais. Exige uma postura empática e acolhedora do educador, que compreenda as vulnerabilidades dos alunos e reconheça que o afeto também é um instrumento pedagógico potente, especialmente em contextos de exclusão histórica como os das comunidades quilombola. O texto Afetividade na educação de jovens e Adultos do autor, Ketlin Rodrigues Barbosa Agassis (2025, p. 21), traz a questão da afetividade tonando assim o relacionamento do professor-aluno.

A afetividade no relacionamento professor-aluno é fundamental para a criação de um ambiente de aprendizado positivo, que favoreça o

desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. Um ambiente acolhedor, onde o estudante se sente valorizado, respeitado e apoiado, tende a favorecer a aprendizagem. Muitos alunos da EJA retornam ao ambiente escolar após longos períodos afastados ou têm experiências anteriores marcadas por dificuldades, exclusão ou estigmas. Por isso, a afetividade desempenha um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem.

O texto destaca que muitos alunos da EJA voltam à escola depois de muito tempo afastados, ou carregam traumas e experiências negativas com a escola, como exclusão, fracasso ou preconceito. Por isso, o papel do(a) professor(a) não é apenas ensinar conteúdos, mas criar um espaço acolhedor, onde os alunos se sintam valorizados e respeitados. Ao ser questionada sobre os principais desafios enfrentados no ensino da EJA na Comunidade Monte Recôncavo, a entrevistada destacou questões relacionadas à permanência dos alunos em sala de aula, à falta de materiais didáticos adequados e à dificuldade de acesso à escola. Segundo ela:

*A permanência em sala, frequência, materiais didáticos específicos e concretos. Se confeccionava jogos e atividades com materiais recicláveis, subsídio de materiais didáticos. Ter um livro específico para EJA, história que trabalhe com a fase adulta, e não tinha. (Entrevistada, 2025)*

Purificação também chama atenção para a questão da locomoção dos estudantes, especialmente os mais velhos, que nem sempre conseguiam comparecer às aulas devido ao cansaço do trabalho ou à falta de transporte:

*Outro desafio é a locomoção, porque muitos são idosos, não conseguem chegar à escola. Às vezes o dia a dia do trabalho e o cansaço... tinha vezes que vinham e outras vezes não iam. A escola tentou ver se conseguia um carro para trazer essas pessoas para sala de aula, mas não conseguiu. Aí fica aquela contradição: se pode para o dia, por que não para a noite? São alunos do mesmo jeito. (Entrevistada, 2025)*

Apesar das dificuldades, foi destacado o empenho da escola e o interesse de muitos alunos, inclusive daqueles que, mesmo ausentes por alguns dias, demonstravam vontade de aprender:

*Tinha aluno que viajava ou ficava uma semana sem ir à escola. Quando aparecia, colocava atividades dos outros e sentava do lado dele. Conseguia dar conta das atividades da semana toda que ele faltou. Mas tinha esse interesse dele também de fazer a atividade, aprender. (Entrevistada, 2025)*

Também foi relatado a presença de um aluno com deficiência na turma da EJA e a atuação de uma pessoa de apoio dentro da sala, o que mostra a preocupação

com a inclusão: “*a escola tinha um aluno com necessidades especiais e se tinha uma pessoa acompanhando ele na sala*” (Entrevistada, 2025). Essas falas revelam não apenas os obstáculos estruturais enfrentados pela EJA, como também o compromisso de educadores e estudantes com o processo educativo, mesmo diante das adversidades.

Apesar dos avanços promovidos por teorias Freirianas e pela criação de políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos Idosos, os desafios estruturais permanecem. Paulo Freire fala da pedagogia, onde traz toda uma trajetória na EJA, foram criadas as leis voltadas para esse público. Mas há essa lacuna da falta de materiais específicos que trabalhem com essa fase adulta. Não basta só trabalhar com as vivências e o apoio; é preciso assistência em recursos pedagógicos, transporte, livros didáticos específicos para a EJA.

Apesar da escassez de materiais e suporte institucional, a entrevistada relata práticas alternativas que foram construídas com criatividade e intencionalidade pedagógica:

*A EJA muitas das vezes acaba sendo desassistida. Coisas que não podia fazer, fazíamos, como passeios, viagens temáticas. Começamos a fazer, de vários lugares. Conhecemos o museu de energia, o aterro sanitário em Lauro de Freitas, zoológico, fomos ao Pelourinho, e tudo com cunho pedagógico. Não era só ir, depois fazia essa contextualização em sala.* (Entrevistada, 2025)

Essas iniciativas mostram como, mesmo em contextos de carência de políticas públicas efetivas, os educadores mobilizam saberes e estratégias para tornar o ensino da EJA significativo, conectando-o à realidade dos alunos e à valorização dos seus contextos socioculturais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, feita na comunidade Quilombola de Monte Recôncavo, mostra a importância de valorizar os saberes tradicionais dentro da Educação de Jovens, Adultos (EJA). Através de entrevistas com professores locais, foi possível perceber que integrar a cultura e os conhecimentos passados de geração em geração ajuda os estudantes a se sentirem mais ligados à sua identidade e à sua história. A escuta

sensível às experiências docentes e o reconhecimento do potencial pedagógico dos saberes tradicionais impulsionaram a formulação da problemática investigativa. O percurso metodológico parte do pressuposto de que o conhecimento produzido nas comunidades tradicionais deve ser legitimado e valorizado na pesquisa acadêmica.

A valorização dos saberes prévios dos estudantes é imprescindível, uma vez que cada indivíduo traz consigo um conhecimento singular, construído ao longo de sua trajetória de vida. Por isso, é fundamental que a educação reconheça e valorize esses saberes locais, garantindo um ensino que faça sentido para a realidade dos alunos e fortaleça a identidade cultural da comunidade. Diante disso, torna-se fundamental refletir acerca das dificuldades enfrentadas pelos docentes, bem como buscar estratégias pedagógicas que promovam uma educação inclusiva e significativa na EJA.

O reconhecimento e a valorização dos saberes dos alunos contribuem para a construção de um ensino mais dinâmico e motivador, fortalecendo o processo de aprendizagem na comunidade quilombola de Monte Recôncavo. Ademais, a Educação de Jovens, Adultos (EJA) desempenha papel essencial na garantia do direito à educação para populações historicamente marginalizadas, como as comunidades quilombolas. Nessas comunidades, os saberes tradicionais configuram-se como elementos fundamentais na construção da identidade cultural e no desenvolvimento de práticas pedagógicas contextualizadas.

## REFERÊNCIAS

BENEDICTO, Matheus Ricardo. **Quilombo é fronteira: saberes e práticas educativas na comunidade de Santa Rita do Bracuí – Angra dos Reis – RJ.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 140, n. 7, p. 1, 10 jan. 2003.

DOS SANTOS CELESTINO, Rubens. Narrativas quilombolas e o ensino Teatro: possibilidades artístico-pedagógicas afro referenciadas. **Sertânia: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2023.

ENTREVISTADA ***Thaiana Purificação Do Nascimento.*** Entrevista concedida a Karine Santos Da Cruz Alves. [Local residência da entrevistada] 2025. Em 10 de Abril de 2025.

ENTREVISTADO ***Rubens Celestino Dos Santos.*** Entrevista concedida a Karine Santos Da Cruz Alves. [Local; On-line] 2025. Em 27 de Março de 2025.

GELARD, Fabiana Pedreira. “**Ser criança é ser quilombola**”: infâncias no território do Quilombo Monte Recôncavo/BA. 2019.

GUEROLA, Carlos Maroto; SANTOS, Maricélia Conceição dos. **A gente já nasceu quilombola e não sabia:** histórias do Monte Recôncavo. São Francisco do Conde: UNILAB, 2021.

MELO, Regina Maria. **Educação de jovens e adultos.** 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17606>. Acesso em: 3 fev. 2023.

REZENDE, Justino Sarmento. Ciências e saberes tradicionais. **Tellus**, n. 25, p. 201-213, 2015. Visto 20 de Janeiro de 2025

SANTANA, Ana Paula do Nascimento de et al. **Memórias, vozes e saberes:** narrativas orais de mulheres negras da comunidade quilombola do Monte Recôncavo. 2024.

## APÊNDICE

### **Roteiro de perguntas para os docentes da Escola**

Tema: Saberes Tradicionais e Educação de Jovens e Adultos Idosos (EJAI): Experiências Docentes no Quilombo Monte Recôncavo-BA

Objetivo: Dialogo com professores da EJAI

#### **1. Práticas Docentes e Aspectos Culturais:**

- De que maneira o(a) senhor(a) incorpora elementos da cultura quilombola local em suas práticas pedagógicas?
- Quais atividades ou projetos desenvolvidos em sala de aula valorizam as tradições e saberes da comunidade?
- Como os conteúdos curriculares são adaptados para refletir a identidade cultural dos estudantes quilombolas?
- Na EJA, a escola recebe o material da Secretaria de Educação (SEDUC) ou a escola produz?

#### **2. Ensino da EJA na Comunidade Monte Recôncavo e Desafios:**

- Quais são os principais desafios enfrentados no ensino da EJA nesta comunidade Quilombola Monte Recôncavo?
- Desses desafios estão inseridos os que trabalham e os que viajam a trabalho?
- De que forma as políticas públicas voltadas para a educação quilombola têm influenciado o trabalho docente na EJA?
- Quais estratégias o(a) senhor(a) utiliza para engajar e motivar os estudantes adultos da comunidade?

#### **3. Caracterização dos docentes**

- Poderia compartilhar um pouco sobre sua formação acadêmica e experiência profissional?
- O(a) senhor(a) possui alguma formação específica relacionada à educação quilombola ou educação para a diversidade?

#### **4. Integração dos Saberes da Comunidade na EJA**

- De que maneira os saberes tradicionais da comunidade são incorporados no currículo da EJAI?
- Alguns professores não gostam de trazer para sala de aula algumas questões sobre identidade e principalmente a cultura quilombola. O senhor (a) Conseguiu perceber de alguns professores alguma dificuldade ou resistência em trazer apontamentos quilombolas, entre outros na sala de aula?
- Conseguiu perceber essa resistência na Educação de Jovens e Adultos Idosos?
- Percebe que a quantidade de alunos da EJAI são menos, é por que a comunidade é pequena e não tem alunos de outros lugares ou é só porque da evasão escolar?

Professor entrevistados: Rubens Celestino dos Santos, Data: 27/03/2025 e Thaiana Purificação do Nascimento, Data: 01/04/2025.